

ARTIGO ORIGINAL

Educação a Distância no Brasil: os desafios de uma educação humanista diante da lógica do capital

Lucas da Silveira Andrade¹

RESUMO

Este estudo aborda a necessidade de repensar a educação diante das transformações sociais, tecnológicas e econômicas, visando priorizar o desenvolvimento humano e a dignidade individual. Em sua metodologia o texto se fundamenta, em uma análise conceitual de Walter Benjamin, Paulo Freire e Michael Foucault, sobre a desumanização no contexto capitalista e a importância da educação humanista. Busca-se compreender como as abordagens pedagógicas, incluindo a Educação a Distância e sua aplicação diante de uma lógica de acesso a formação e seu uso dentro de uma lógica capitalista, podendo influenciar a formação humana.

Palavras-chave: educação; transformações sociais; tecnologias educacionais; humanização; Paulo Freire.

Distance Education in Brazil: the challenges of humanistic education in the face of capitalist logic

ABSTRACT

This study delves into the pressing need to reimagine education in light of the profound social, technological, and economic transformations shaping our world. It emphasizes the paramount importance of fostering human development and upholding individual dignity within this evolving landscape. The study employs a qualitative methodology, drawing upon the insightful conceptual analyses of Walter Benjamin, Paulo Freire, and Michael Foucault, who have critically examined the dehumanizing effects of capitalism and the transformative power of humanistic education. It seeks

1. Universidade São Francisco – USF (lucas.silveira@usf.edu.br)



to illuminate how pedagogical approaches, including Distance Education and its application within an access-to-education framework, can be scrutinized under the lens of capitalist logic and their potential impact on human formation.

Keywords: education; social transformations; technological advancements; humanization; Paulo Freire.

Educación a Distancia en Brasil: los desafíos de una educación humanista ante la lógica del capital

RESUMEN

Este estudio profundiza en la apremiante necesidad de reimaginar la educación a la luz de las profundas transformaciones sociales, tecnológicas y económicas que configuran nuestro mundo. Hace hincapié en la importancia primordial de fomentar el desarrollo humano y defender la dignidad individual dentro de este paisaje en evolución. El estudio emplea una metodología cualitativa, aprovechando los análisis conceptuales perspicaces de Walter Benjamin, Paulo Freire y Michael Foucault, quienes han examinado críticamente los efectos deshumanizadores del capitalismo y el poder transformador de la educación humanista. Busca iluminar cómo se pueden examinar las aproximaciones pedagógicas, incluida la Educación a Distancia y su aplicación dentro de un marco de acceso a la educación, bajo la lógica capitalista y su impacto potencial en la formación humana.

Palabras clave: educación; transformaciones Sociales; avances tecnológicos; humanización; Paulo Freire.

1. Introdução

Diante das rápidas transformações sociais, tecnológicas e econômicas que caracterizam nossa sociedade contemporânea, surge uma indagação crucial apontada pelo Mercado: como podemos redefinir o papel da educação para atender às demandas emergentes? A necessidade de garantir a priorização da formação humana e da dignidade individual em meio à pressão exercida pelo mercado sobre a educação é imperativa.

Estas questões fundamentais não apenas permeiam, mas também norteiam a discussão educacional em todos os níveis, desde o ensino básico até o superior. Refletir sobre o impacto das abordagens pedagógicas, incluindo a Educação a Distância (EAD), torna-se essencial não apenas para compreender o papel da educação na formação de cidadãos críticos e adaptáveis, mas também para



avaliar seu impacto na governabilidade e na formação do capital humano.

Portanto, pressupondo um diálogo epistemológico sobre educação, como podemos repensar a educação em face das mudanças sociais, tecnológicas e econômicas que estão moldando nossa sociedade contemporânea? Como garantir que a formação humana e a dignidade do indivíduo sejam priorizadas em um contexto aonde as demandas do mercado muitas vezes exercem forte pressão sobre a educação?

Partindo do pressuposto das questões iniciais permeiam a discussão sobre o ensino e educação em todos os níveis, enquanto processo formativo, que se faz presente na sociedade, desde as instituições de educação básica à superior, mas também nos processos do cotidiano, como trabalho, família, jornais e redes sociais. Eles nos levam a repensar não apenas o papel da educação superior na formação de cidadãos críticos e adaptáveis a uma sociedade em constante transformação, mas também como as abordagens pedagógicas, incluindo a Educação a Distância (EAD), podem influenciar a formação do capital humano.

2. Metodologia

Pautando-se na problemática supracitada na introdução, a pesquisa se pauta metodologicamente em revisar os conceitos propostos pelos autores, Walter Benjamin, Michael Foucault e Paulo Freire, de modo a buscar contemplar, como a educação à distância, em meio aos desafios do ensino superior frente a lógica do mercado ainda pode ser uma resposta de diálogo humanizador, quando seus pressupostos epistemológicos estão bem definidos.

Walter Benjamin (1936), alertava em sua reflexão na década de vinte, as características que o capitalismo começaria a assumir, principalmente em diálogo, com tecnização, como um processo de desumanização e uma certa coisificação da humanidade. Paulo Freire, nos indica que educação, é um processo de formação, antes de tudo, de reconhecimento de sua humanidade. Mas qual humanidade? Retomando a pergunta inicial, refletindo que a sociedade está pautada em atingir metas, lucros, velocidade e pouco se olha ao ser humano.

Na categoria apontada por Benjamin, a sociedade vai adentrar uma lógica na qual, o capitalismo vai assumir características de uma aplicação religiosa, em sua linguagem mítica e fetichista. Tal reflexão, insere o capitalismo em uma lógica culpabilizadora, onde o ser humano, vive um ciclo de lealdade e devoção, onde se busca a salvação, que está na fuga da pobreza e no movimento e desejo (fetiche).

Michael Foucault parte do conceito de que governamentalidade também envolve a responsabilização dos indivíduos por suas próprias ações. Na educação contemporânea, isso se traduz em abordagens que incentivam a autodisciplina e a autorregulação dos alunos. Embora o desenvolvimento dessas habilidades seja valioso, também é importante questionar até que ponto a responsabilização individual pode levar à desigualdade, já que nem todos têm acesso igual a recursos. A ampliação de Tecnologias Educacionais, podem também se tornar um instrumento de segregação, levantando problemas sociais, como o etarismo – que por conta da dificuldade de acesso e uso as TI's

acabam perdendo espaço no mercado de trabalho e educação.

A educação é assim apropriada em uma categoria na qual, a sua concepção está constituída dentro de uma lógica de consumo, respondendo necessidades do mercado e não da formação humana. Em um movimento duplo, a condição imposta está sobre a sociedade que pensa dentro desta lógica fetichista, ou seja, a educação é então uma mercadoria e também das instituições que aplicam a sua estrutura capitalista de uma forma a gerar a necessidade do consumo e não pensar a formação humana. O desejo do consumo é por tanto, também um desejo de redenção ou expiação de uma certa culpa, contra o desejo de não ter. Buscar o ensino superior, acaba por se apresentar em uma categoria de consumo, como uma loja de roupas, onde o estudante, se torna cliente e portanto, espera ter pleno consumo de seu produto. Essa lógica, se deseja nos estudos de Benjamin, no conceito de capitalismo como religião, que é aplicado a educação,

Em tal concepção, a religião mais perfeita é o capitalismo, que consuma a perversão religiosa (abstração da organização da vida de forma desumana) ao direcionar toda a vida para a mercadoria e o consumo. Não apenas se consuma como religião, como inverte o que ainda não era perverso nas chamadas religiões tradicionais. Para assomam, é a tentativa de evitar que mitos profundamente enraizados na cultura sejam base de questionamento ao próprio capitalismo. Deste modo, a religião do capitalismo não suprime os universos míticos e simbólicos, mas os operacionaliza na consolidação da exploração (Andrade; Coelho, 2023, p. 28171).

Paulo Freire (1978), retoma, que a humanidade se faz para além de uma educação pautada na técnica, que também faz parte de um processo de construção, mas não é seu ápice. Um ponto importante para se pensar, é que quando falamos de educação crítica, falamos de uma educação, que busca compreender a história. Para uma educação crítica, é necessário um processo de desvelamento, ter consciência, não é uma caixa prêmio, mas sim, um processo que termina apenas no fim da vida. Educar, é saber ler a história de sua vida, seu lugar em meio as disputas sociais. Educar não é alfabetizar, isso é uma etapa, educar é estar em construção e diálogo com o mundo que está inserido.

Sabe-se que, na NEaD, o processo educacional não se resume à sala de aula, ao professor ou aluno (Belloni, 1999; Kenski, 2003). Na verdade, a complexidade de um projeto e programa de educação a distância exige a cooperação de equipes multidisciplinares, com a participação de diversos profissionais e técnicos. A educação nunca é a mesma em nenhum lugar, ou não deveria ser, o processo educacional, deveria em si, carregar um processo de humanização, tal como cita, Paulo Freire na Pedagogia do Oprimido (1972). Pensando em modalidade de educação, à distância ou presencial, o foco, deveria ser a formação humana do indivíduo que está tendo acesso a formação.

3. Pensar a educação fora da lógica do capital

A educação é uma das principais instituições que exercem influência na formação dos indivíduos, e, portanto, é fundamental considerar como os conceitos de poder e governamentalidade se aplicam a essa esfera. Destaca-se a necessidade de uma formação mais universal ou em perspectiva humanística, que vá além das habilidades técnicas e se concentre no desenvolvimento das habilidades interpessoais,



do pensamento crítico e da resolução de problemas. Paulo Freire, enfatiza a importância da autonomia e da capacidade de pensar de forma independente, capacitando os alunos a participarem ativamente na transformação da sociedade (Freire, 1970).

O que nos leva a pergunta inicial, em refletir, de que maneira, as estruturas políticas, de fato contribuem a pensar a educação como um processo de formação humana, ou um ato puramente técnico. Pensar os processos formativos, atividades, tecnologias, é fundamental, inovar é fundamental, desde que, o processo esteja verdadeiramente fundamentado em princípios que pensem a formação humana em sua dignidade como um ser-mais (Freire, 1970), ou seja, um ser que não é um objeto dentro das fábricas, ou, um cliente dentro das universidades.

O movimento de conscientização é assim dialético, ninguém conscientiza ninguém, mas nos conscientizamos nas práxis diante de nossa realidade, debatendo e constituindo seres humanos que pensem a formação em sua totalidade (Freire, 1978). A leitura educacional proposta assim como a cristã deve ser utópica, ou seja, movida por esperança transformadora, que leve ao educando a percepção da necessidade da revolução diante da opressão, tornando o a necessariamente uma educação política e transformadora

Como já apresentado os referenciais teóricos do texto norteiam sua reflexão metodológica e epistemológica para pensar seu objeto de pesquisa, que é a possibilidade de pensar a educação fora da lógica do Capital e do eixo clássico e estrutural grego e iluminista (Coelho, 2021), mas possivelmente dentro do mito judaico-cristão, como um marco categorial que analise a educação fora da lógica problematizada. Com tal pressuposto, torna-se possível definir uma reflexão de um novo marco categorial para educação freiriana e que pense a educação digital.

As referências teóricas, possibilitam essa leitura de que o modelo educacional tradicional, apresentado em escolas e universidade modelos, estão em comunhão com as estruturas do Capital de mérito e iluminação, enquanto a proposta freiriana, é de uma educação humanizadora, que acontece em um movimento de passagem, ou libertação das amarras sociais que lhe aprisionam,

É um fato, porque nos é imposto como um fato, se quisermos compreender o nosso mundo. Nesse sentido, é um fato categórico: é a estrutura categórica sem a qual não podemos nem continuar a viver em nosso mundo. Não podemos deixar de ver o mundo de dentro dessa estrutura categórica, mas muito raramente tiramos a ciência dela. É um véu que esconde esse fato e você tem que tentar retirá-lo (Hinkelammert, 2008, p. 7).

O marco categorial, define uma visão de mundo, um entendimento de sociedade e modo de vida, quando pensamos o mercado, o trabalho, assim como a educação. (Hinkelammert, 2008). Para tanto, pensar a educação à distância, é pensar a formação de uma educação digital, partindo do pressuposto debatido por Hugo Asmann (2000) que alerta sobre a importância de pensar que a dinâmica de ensino e aprendizagem, muda do leitor físico, para o leitor digital, de uma interação de pesquisa por notas, para uma pesquisa por links. Em análise, não se pauta em pormenorizar o modelo de ensino de uma maneira qualitativa, mas compreender os processos de uma maneira a se pensar a educação segundo as disposições e desafios atuais, afinal, qual é o marco categorial que se estabelece a educação no atual cenário brasileiro, que diz haver uma cobrança de qualidade na formação de novos professores?

Partindo deste pressuposto, o estudo, se configura a pensar que a educação não se torna propriedade do mercado capitalista e sua lógica a contar da instauração da EAD em grande escala no Brasil, mas já nas apropriações de modelos educacionais, que se pautaram a educação a responder a necessidade dos estudantes como cliente, já no ensino presencial. Neste ponto é fundamental o destaque que tal crítica a lógica do capital presente na educação, não é um movimento de um *neo ludismo*², ao ponto que faríamos a educação presencial e a formação de professores tomar uma áurea de perfeição, o que não é o caso.

A crítica em pensar a educação dentro da lógica do capital, e pensar a sua estrutura educacional, visa compreender e pensar os processos de forma a pensar, o que é educação e como devemos aplicá-la? Com dispositivos tecnológicos, a educação deve ser pensada dentro de um movimento otimização e facilidade de operação, contudo, por vezes, os instrumentos, são pensados dentro de uma lógica clientelista e não formativa. O professor neste ponto, é desafiado a pensar os processos formativos de uma educação humanizada fazendo uso das tecnologias. Existe assim, uma reconfiguração do modo de ser professor, que no uso de ferramentas digitais, deve manter a essência de seu labor, a formação humana. Afinal, diante de uma educação que pauta metas de mercado, não seria o momento de os professores pensarem um novo papel? Como ser professor na era digital?

É preciso distanciar-se tanto dos escolhos do tecnootimismo ingênuo (*tecnointegrados*) como do rechaço medroso da técnica (*tecnoapocalípticos*). Em muitos ambientes escolares, persiste o receio preconceituoso de que a mídia despersionaliza, anestesia as consciências e é uma ameaça à subjetividade. A resistência de muitos(as) professores(as) a usar soltamente as novas tecnologias na pesquisa pessoal e na sala de aula tem muito a ver com a insegurança derivada do falso receio de estar sendo superado/a, no plano cognitivo, pelos recursos instrumentais da informática. Neste sentido, o mero treinamento para o manejo de aparelhos, por mais importante que seja, não resolve o problema. Por isso, é sumamente importante mostrar que a função do/a professor/a competente não só não está ameaçada, mas aumenta em importância. Seu novo papel já não será o da transmissão de saberes supostamente prontos, mas o de mentores e instigadores ativos de uma nova dinâmica de pesquisa-aprendizagem (Asmann, 2000, p. 8).

A reflexão de pensar o papel ou lugar do professor, não insere a reflexão em uma lógica progressiva que o antigo professor, não responde aos dias atuais. Muito pelo contrário, ela convida, tal professor, de maneira dialética a pensar a educação e seu papel, fora da lógica do capital, possibilitando a compreensão das contradições gestadas pelo sistema capitalista, bem como a identificação das possibilidades de transformação e superação dessas contradições por meio da educação crítica e emancipatória. O ser humano visto em sua integralidade como ser-mais (Freire, 1971) e não de maneira fragmentada, como um instrumento para manutenção das estruturas do capitalismo, assim como o entendimento do papel do professor nessa atuação.

Inovar para pensar a formação como um todo e não demandas do mercado. Se os marcos

2. <https://ensinarhistoria.com.br/linha-do-tempo/destruicao-de-maquinas-na-inglaterra-surge-o-ludismo/>
(último acesso: 08/04/2024).

categoriais da educação propostas pelo MEC - BNCC - Currículo Paulista³, se pautam nas necessidades do mercado, de uma educação meritocrata, elas não atingem os objetivos propostos por exemplo, quando falamos de uma educação humanizada e transformadora.

Neste ponto, uma reflexão a ser desenvolvida é o pensar da educação de uma forma que não esteja amarrada as entranhas da lógica do Capital e sua estrutura. Pensar a educação, é dialogar do ponto de um possível novo marco categorial, é fundamental, onde seu ponto de reflexão e construir educação, se pauta em humanização e não em formação de mão de obra.

Toda pedagogia moderna torna-se aliada fundamental do projeto de sociedade da modernidade. Métodos são moderna, seus conteúdos e currículos são conteúdo da ciência positiva que preparam um ser humano do Esclarecimento. Sociedade é baseada na ciência desumana em voga. Sua burocracia funda-se na racionalização abstrata da realidade. cúmplice do modelo de sociedade em vigor, que produz a desumanização como regra e não como exceção. Para Freire, a desumanização é resultado do tipo de relação social, que surge das lógicas de dominação e exploração. Não há um sujeito 'em si' desumano, mas uma relação de desumanização, uma vez que a humanidade não é uma ideia abstrata. A vocação de ser mais nunca surge de quem ocupa o lugar de opressão nas relações humanas. Surge de quem se descobre oprimido e/ou excluído. Surge como um clamor contra o que o 'torna menos' (Coelho, 2012, p. 12).

E aqui, é importante a reflexão, que Foucault, apresenta sobre as estruturas do Estado, pensando a reflexão, que o Estado burguês, tem sua sustentação, nas estruturas econômicas pautadas em políticas, pensados na lógica do Capital, em um regime de governamentalidade, onde, a educação, saúde e políticas públicas de modo geral, acabam por ser geridas segundo essa lógica, que se retroalimenta,

Desde o século XVIII, vivemos na era do governamentalidade. Governamentalização do Estado, que é um fenômeno particularmente astucioso, pois se efetivamente os problemas da governamentalidade, as técnicas de governo se tornaram a questão política fundamental e o espaço real da luta política, a Governamentalização do Estado foi o fenômeno que permitiu ao Estado sobreviver. Se o Estado é hoje o que é, é graças a esta governamentalidade, ao mesmo tempo interior e exterior ao Estado. São as táticas de governo que permitem definir a cada instante o que deve ou não competir ao Estado, o que é público ou privado do que é ou não estatal, etc.; portanto o Estado, em sua sobrevivência e em seus limites, deve ser compreendido a partir das táticas gerais da governamentalidade (Foucault, 1978, p. 293).

Nessa perspectiva, o avanço da tecnologia na educação também está relacionado à governamentalidade do Estado, enquanto estrutura que pensa as políticas educacionais no Brasil. A coleta de dados e a vigilância das atividades dos alunos podem ser vistas como mecanismos de controle que visam a otimização do desempenho acadêmico ou visam alavancar números de mãos de obra, apontando a educação como processo de formação de trabalhadores e atendendo demandas de mercado.

Sendo assim é necessário refletir de maneira epistêmica, sobre como pensar a educação no

3. <https://repositorio.unifesp.br/items/84527ace-6914-4ebb-b531-f53b3ced3a94>. Acesso em 24/03/2024.



Brasil e sua acessibilidade, via a EAD, como forma de emancipação e desenvolvimento humano, ou respondendo a uma dupla lógica do mercado, que atende a alavancar o número de mão obra qualificada nas empresas e uma demanda de mercado na instituições de ensino superior, que buscam vender cursos de tecnólogos, graduação e pós-graduação, muitas vezes a preços e campanhas agressivas⁴.

Contudo, o uso da tecnologia na Educação a Distância (EAD) é uma ferramenta valiosa para melhorar a acessibilidade e eficácia da educação⁵. Enquanto possibilidade de acesso a educação, elas devem enriquecer a experiência de aprendizado, promover a autonomia do estudante e estimular a criatividade.

Portanto, é fundamental pensar, as definições de letramento digital mais amplas supõem esses aspectos ao não prescindir dos sentidos social e cultural. Entre as apresentadas por Souza (2007), selecionei estas: letramento digital se constitui como uma complexa série de valores, práticas e habilidades situados social e culturalmente envolvidos em operar linguisticamente dentro de um contexto de ambientes eletrônicos, que incluem leitura, escrita e comunicação (Selfe, 1999, p. 11 *apud* Souza, 2007, p. 59).

No entanto, a discussão não pode se limitar a abordar somente o ensino superior. É essencial estabelecer uma conexão intrínseca entre as políticas educacionais em todos os níveis, desde o ensino básico até o superior. Como apontado nos textos, se as políticas de ensino básico forem estruturadas predominantemente para atender às demandas do mercado, isso pode criar uma desconexão prejudicial entre os níveis de ensino, comprometendo a formação dos estudantes e a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva, mesmo diante, de uma sociedade, que conduz a lógica educacional.

Em Freire (1970), a necessidade de transformação da ordem socioeconômica injusta em outro modelo societário somente é possível no duplo movimento de libertação: a luta pela afirmação dos direitos dos pobres e o processo pelo qual novos testemunhos de humanidade permitam realocar o conflito subjetivo dos oprimidos.

4. Desde sua expansão nacional na década de 90, o EAD simboliza a oportunidade de acesso à capacitação profissional para grupos até então mantidos à margem do ensino superior, por impedimentos geográficos e/ou financeiros. Segundo a Associação Brasileira de Educação a Distância (Abed), a média de mensalidade das graduações presenciais fica entre R\$500 e R\$1.000, enquanto as mensalidades das graduações EAD variam entre R\$251 e R\$500 (em média). Com valores mais acessíveis, aulas ministradas por profissionais de renome e possibilidade de transmissão para todo o Brasil, o EAD descentraliza o ensino superior dos grandes polos urbanos e viabiliza formações de qualidade a uma nova parcela da população brasileira. Acesso 24/03/2024. (<https://www.intersaberes.com/blog/o-cenario-do-mercado-de-ensino-superior-ead-no-brasil/>).

5. A série histórica da pesquisa indica, ainda, que as duas pontas da ferradura — ensino presencial e a distância — tendem a se afastar cada vez mais. Entre 2020 e 2021, o aumento de ingressantes nos cursos superiores foi ocasionado, exclusivamente, pela oferta de EaD na rede privada. Nesse período, a modalidade teve um acréscimo de 23,3% (24,2% em instituições privadas), enquanto o ingresso em graduações presenciais reduziu 16,5%. O comparativo confirma a tendência de crescimento do ensino a distância ao longo do tempo. Em 2019, pela primeira vez na história, o número de ingressantes em EaD ultrapassou o de estudantes que iniciaram a graduação presencial, no caso das instituições privadas. Nessa rede de ensino, 70,5% dos estudantes, em 2021, ingressaram por meio de cursos remotos. Acesso 24/03/2024. (<https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/censo-da-educacao-superior/ensino-a-distancia-cresce-474-em-uma-decada>).

Nesse sentido, uma abordagem mais ampla e integrada é necessária. As políticas educacionais em todos os níveis devem ser orientadas por princípios que priorizem a formação integral do indivíduo, sua capacidade de pensar criticamente, sua consciência social e sua contribuição para uma sociedade mais justa e inclusiva. A educação deve ser uma ferramenta de empoderamento, não apenas para o mercado de trabalho, mas para a vida como um todo.

A pedagogia de Paulo Freire apresenta como problema central da educação a possibilidade da humanização. Em sua teoria está o debate do sentido antropológico que emerge das rebeliões que a juventude realiza questionando ‘a injustiça, a exploração, a opressão e a violência’ de quem legitima e mantém a ordem social. Pensar o processo educativo (pedagógico) está sempre referenciado na manutenção da ‘humanidade roubada’ ou na realização de sua vocação. Se o ser humano é vocacionado à humanização, a realidade histórica permite-nos descobrir a concretude da possibilidade da desumanização. Mas, a humanização também é uma possibilidade, para as pessoas que são inconclusas e reconhecem sua inconcluso. É justamente a realidade concreta que impõe o sofrimento pela desumanização que impulsiona a busca da humanização (Coelho, 2012, p. 11).

No que diz respeito à Educação a Distância (EAD), a problematização das relações de poder-saber torna-se particularmente complexa. A ascensão da EAD trouxe consigo um novo conjunto de questões relacionadas ao poder e ao conhecimento. Para além, podemos olhar a perspectiva Benjaminiana, de pensar, o processo do capitalismo que penetra a educação e as estruturas sociais, em um sistema de culpabilização, que permeia o Capitalismo como Religião.

capitalismo é provavelmente o primeiro caso de um culto não expiatório, mas sim culpabilizador [*verschuldenden*]. Nisto, este sistema religioso está sob a queda de um movimento monstruoso (Benjamin, 2013). A ênfase no sucesso material pode minar valores mais profundos, como solidariedade, empatia e justiça social. Isso pode criar uma sociedade cada vez mais fragmentada e individualizada. Em uma sociedade tecnicista, a governamentalidade apontada por Foucault, se torna instrumento de uma organização, pautada na lógica do capital, ou seja, pensar educação, jamais vai ser um debate sobre a formação humana, mas sim, sobre instrumentalização de capital humano.

Foucault nos lembra que o poder não é unidimensional, ele se manifesta de forma multifacetada nas instituições sociais (1978). Isso é evidente na aula presencial, onde o professor muitas vezes é considerado o detentor do conhecimento e a autoridade central na sala de aula, reforçando hierarquias de poder. No entanto, a EAD também apresenta desafios e oportunidades em termos de relações de poder-saber, como as possibilidades de acessos a educação para além dos centros urbanos, no Sul, sudeste do Brasil. O acesso a informações se torna mais democratizado, mas a padronização do conteúdo e das avaliações pode limitar a autonomia dos alunos e professores.

No livro “Os Cristãos e a Libertação dos Oprimidos”, publicado em 1978, Freire emprega a narrativa judaico-cristã do êxodo como uma metáfora para a emancipação: uma libertação da consciência e da opressão material, delineando um percurso em direção a uma nova existência. Este trajeto, concebido como uma jornada ininterrupta pelo mundo, implica um constante processo de análise, reflexão e interpretação da realidade circundante. Educar, nesse contexto, revela-se como um ato de questionamento e conscientização das estruturas sociais e políticas, demandando uma

postura de resistência e a preservação da esperança.

A abordagem pedagógica crítica, por sua vez, fundamenta-se na esperança não como uma idealização utópica, mas como uma convicção na construção ativa da realidade. Freire argumenta que essa esperança não se traduz em uma simples jornada sem destino definido, característica daqueles que se desviam ou ignoram a realidade. Pelo contrário, é um convite para trilhar um caminho assertivo, onde se assume a responsabilidade pela transformação histórica, consolidando-se tanto na ação como na realização da própria história. Este percurso, essencialmente, constitui uma travessia necessária, na qual a classe oprimida precisa “morrer” para renascer como uma classe emancipada (Freire, 1978).

4. Diálogo humanista e desafios da formação na EaD

Para adentrarmos no uso das práticas tecnológicas na educação, é fundamental considerar o papel do diálogo, no qual pressupõe a interação entre dois interlocutores, essencial para o desenvolvimento de um processo educacional construtivo. Contudo, surge a indagação: esse diálogo é efetivamente promovido na Educação a Distância? Seriam os processos de gamificação e as tecnologias emergentes, como a análise do Chat GPT, indícios de um esvaziamento na utilização da linguagem? Tais perguntas são fundamentais, pois estão no cerne do movimento educacional e por tanto, nos fazem refletir de como a educação a distância e os instrumentos tecnológicos, podem fomentar um novo pensar humanista.

A resposta a essa questão é complexa, mas alguns pontos merecem destaque. É crucial reconhecer que a introdução de tecnologias educacionais nem sempre resulta em avanços pedagógicos significativos. Historicamente, observamos que as mudanças frequentemente enfrentam resistências, e cabe ao educador compreender seu papel dentro do contexto temporal em que está inserido, como já mencionamos anteriormente.

É interessante notar que as preocupações sobre o impacto da tecnologia na educação não são novas. Podemos encontrar reflexões similares na obra de Platão, particularmente em seu diálogo entre Sócrates e Fedro. Neste contexto, Platão argumenta que a prática da escrita poderia ameaçar o diálogo entre mestre e aluno, além de prejudicar a memória e a construção do conhecimento (Rodrigues, 2015). Embora a escrita e outras inovações educacionais não sejam percebidas hoje da mesma forma que foram pelos antigos, é relevante considerar que diferentes modelos educacionais já enfrentaram questionamentos morais semelhantes aos que a EAD enfrenta atualmente, no acalorado debate político das polis atuais.

O diálogo pedagógico, favorecido pelas novas tecnologias, implica uma relação entre comunicação primária e comunicação secundária. Neste ponto, Antonio Zuin, adverte que a “comunicação primária, que se objetiva nas relações presenciais, deveria ser estimulada pelos recursos tecnológicos que propiciam a chamada comunicação secundária, efetuada a distância” (Zuin, 2010). Desse modo, a “comunicação primária não deve ser subordinada à secundária, mas sim ser reforçada por esta” (Zuin, 2010), possibilitando a aproximação entre os agentes educacionais por meio dos recursos tecnológicos.



Corroborando com os ensejos citados, quando pensamos a educação e sua dinâmica, em diversas culturas, mesmo quando não apresentada de forma sistematizada, tal como vimos na Tradição Judaica; que por anos, manteve a sua história nas tradições e repetições de hinos até sua compilação no séc. III a. C ou a tradição dos Griots na África e povos originários na tradição pré-colombiana nas Américas, que acabam por configurar modelos de educação, que nos ajudam a compreender, que a sociedade, empenhada na formação humana, ao longo da história, se constrói fazendo atributos da linguagem, da cultura de cada povo, para pensar a sua formação, que não deve ser focada no mercado, mas sim, na formação humana.

Os chats e os fóruns são dois exemplos de interação por meio da escrita digital, de manifestações de discurso não planejado e planejado. São espaços de discussões e de registros que podem ser retomados, revistos, recuperados e, até certo ponto, devem suplantar a efemeridade dos argumentos expostos oralmente numa sala de aula presencial, aliás, não pode e não deve ser um pressuposto, pensar fórum ou chat como uma compensação da falta da presencialidade. Aliás, quando há um debate de qualidade na sala de aula presencial, é comum os alunos se apressarem a fazer anotações. Ou quando o professor é considerado um excelente mestre, é comum os alunos perguntarem se podem gravar a aula.

Portanto, é fundamental pensar, as definições de letramento digital mais amplas supõem esses aspectos ao não prescindir dos sentidos social e cultural. Entre as apresentadas por Souza, selecionamos: letramento digital se constitui como,

Uma complexa série de valores, práticas e habilidades situados social e culturalmente envolvidos em operar linguisticamente dentro de um contexto de ambientes eletrônicos, que incluem leitura, escrita e comunicação (Selfe, 1999, p. 11 apud Souza, 2007, p. 59).

Voltando a nosso problema primeiro que é a educação como processo de humanização diante da lógica do Capital, nos deparamos hoje como uma formação cultural, no qual, a educação, não necessariamente, responde a um anseio de formação humana, mas a necessidades mercado, ou seja, quando se pensa em educação, se pensa em velocidade, praticidade e economia. Nesse sentido, o estudante passa a ser um cliente, que busca na educação atender a suas demandas sociais, como um melhor emprego ou uma promoção. A educação enquanto processo de diálogo, se esvazia, pois, o estudante não quer a antítese, mas sim a pronta resposta a sua meta.

Acredita-se ainda que o tempo de resposta e a qualidade do feedback do professor são dois aspectos motivacionais e formativos. O professor poderá utilizar o feedback para fazer com que o aluno não sinta a sua “ausência” na sala de aula virtual (Flores, 2009). Quando falamos da linguagem, o Chat GPT e correções com IA, adentram a uma necessidade de mercado e não necessariamente, o aspecto formativo. Afinal, quando falamos de poema épico, como A Ilíada, não falamos apenas dos traços do texto, mas de como foi escrito, seu momento histórico, o modo de vida de seu autor, que faz essa ser uma obra única, tal como Davi de Michelangelo, tal como um único feedback dado ao estudante por um professor. Em outras palavras, na linguagem, mesmo que em fórum, chats ou devolutivas de atividades dissertativas, é o local onde encontramos o estudante em sua essência, sua história, suas questões sociais, econômicas e políticas, é o lugar favorável ao encontro, entre professor e estudante, tal como nos aponta o autor,



Colocamos para a cultura do outras novas questões que ela mesma não se colocava; nela procuramos respostas a essas questões, e a cultura do outro nos responde, revelando-nos seus novos aspectos, novas profundidades de sentido. Neste encontro dialógico de duas culturas elas não se confundem; cada uma mantém a sua unidade e a sua integridade aberta, mas elas se enriquecem mutuamente (Bakhtin, 2003, p. 366).

Afinal, quem é o outro que fala comigo? Existe um projeto de construção do diálogo, ou seja, acompanhamento diário, correções e orientações assertivas. Quando eu penso na atividade, eu coloco, como aquele que lê em sua história vai compreender? Ou seja, EAD não é mecanização, não é massificação; não é a destruição do ensino superior. Contudo, deve se destacar que não existe diálogo com as IA e voltamos ao ponto do professor e o uso das tecnologias educacionais a seu favor, para um processo amplo de formação humana.

5. Considerações finais

Portanto, repensar a educação em todos os níveis, com ênfase da lógica do Capital que atualmente modela o ser humano em suas relações políticas e sociais, tal como na educação, com sua ênfase emblemática na Educação a Distância, é uma tarefa complexa e multifacetada. Exige uma abordagem ampla que valorize a formação humana, a autonomia do aluno, o pensamento crítico e a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

A reflexão sobre o ensino superior e as políticas educacionais no ensino básico, a análise das práticas pedagógicas, bem como a compreensão das relações de poder-saber na EAD são elementos essenciais para moldar uma educação que não apenas atenda às demandas do mercado, mas que também capacite os indivíduos a se tornarem cidadãos críticos e ativos na sociedade. Isso requer um compromisso conjunto de educadores, instituições de ensino, políticas públicas e da sociedade como um todo, a fim de promover uma educação verdadeiramente emancipadora.

Sendo assim, é fundamental, pensar a educação em núcleo amplo e reflexivo, que pense a atuação do Estado como garantia dos direitos de acessos, refletindo formação humana e a dignidade do indivíduo, para além dos processos alienantes do capital e sua estrutura, que permeia a sociedade como apontado por Benjamin, em uma estrutura que se adorna do espírito religioso e culpabilizante, para além, em uma sociedade que rompe a barreira da sloganização (Freire, 1970), e que compreende as estruturas descritas por Foucault, podendo assim, questionar e viabilizar caminhos para se pensar as estruturas educação frente aos desafios de seu tempo.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Lucas; BUOSO, Monique Cabral. A Linguagem humanizada na EAD: diálogos e interação frente ao uso de inteligência artificial. *In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA*, 28., 2023, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Galoá, 2023. Disponível em: <https://proceedings.science/ciaed-2023?lang=pt-br>. Acesso em: 25 abr. 2024.
- ANDRADE, Lucas da Silveira; COELHO, Allan da Silva. A leitura do êxodo bíblico como marco categórico no processo educacional freiriano. *In: CONGRESSO INTERNACIONAL MOVIMENTOS DO-CENTES.*, 2022, Itatiba, SP. **Anais [...]**. Santo André, SP: V&V Editora, 2022. Disponível em: <https://www.vveditora.com/eventos/978-65-6063-007-9>. Acesso em: 3 maio 2024.
- ASSMAN, Hugo. A metamorfose do aprender na sociedade da informação. **Revista Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 29, n. 2, maio/ago. 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/ShzKdLb-qJDPfssvSw9xWPrw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 ago. 2023.
- ASSMAN, Hugo. **Metáforas novas para reencantar a educação**: epistemologia e didática. Piracicaba, SP: UNIMEP. 1996.
- ASSMAN, Hugo. **Reencantar a educação**: rumo à sociedade aprendente. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- BAKHTIN, Mikhail. Os estudos literários hoje. *In: BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 358-366.
- BELLONI, Maria Luiza. Ensaio sobre a educação a distância no Brasil. **Educação & Sociedade**, Campinas, SP, ano 23, n. 78, abr. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/yvpWm7vFNqhp-ZYMtjn8kHZD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 maio 2022.
- BELLONI, Maria Luiza. Os paradigmas econômicos: contribuições para a educação à distância. *In: BELLONI, Maria Luiza. Educação a Distância*. Campinas, SP: Autores Associados, 1999. p. 9- 24.
- BENJAMIN, WALTER. **O capitalismo como religião**. São Paulo: Boitempo, 2013.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 12 abr. 2022.
- BRAUDEL, Fernand. História e ciências sociais: a longa duração. **Revista de História**, São Paulo, v. 30, n. 62, abr./jun. 1965. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/verhis toria/article/>



view/123422. Acesso em: 20 abr. 2022.

COELHO, Allan da Silva; ANDRADE, Lucas da Silveira. A culpabilização no “capitalismo como religião” como desafio para a filosofia da educação. **Revista Contribuciones a Las Ciencias Sociales**, São José dos Pinhais, PR, v. 16, n. 11, p. 28166–28180, 2023. Disponível em: <https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/3317>. Acesso em: 24 mar. 2024.

COELHO, Allan da Silva. Horizontes de plausibilidade sob a crítica da filosofia: entre luzes, horrores e vítimas. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, RS, v. 26, n. 3, set./dez. 2018. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/12470>. Acesso em: 30 nov. 2020.

COELHO, Allan da Silva. Superar a educação cúmplice da exclusão da juventude. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, PR, ano 11, n. 129, fev. 2012. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/15769>. Acesso em: 13 ago. 2022.

DUSSEL, Enrique. **Filosofía da la liberación**. Bogotá: Nueva América, 2016. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/otros/20120227024607/filosofia.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2021.

D2L. **What’s driving the vision for the University of the future?** Foreword from John Baker, 2021. Disponível em: <https://www.d2l.com/en-eu/resources/assets/whats-driving-the-vision-for-the-university-of-the-future/>

FLORES, Angelita Marçal. O feedback como recurso para a motivação e avaliação da aprendizagem na educação a distância. In: CONGRESSO INTERNACIONAL ABED DE ENSINO À DISTÂNCIA, 15., 2009, Fortaleza. **Anais [...]**. Fortaleza: ABED, 2009. Disponível em: <https://abed.org.br/congresso2009/CD/trabalhos/1552009182855.pdf>. Acesso em: 12 set. 2021.

FOUCAULT, Michel. Governamentalidade. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, Paulo. **Os cristãos e a libertação dos oprimidos**. Lisboa: Base, 1978.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

FREITAS, Maria Tereza. Letramento digital e formação de professores. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.26, n. 3, dez. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/N5RryXJcsTcm8wK->



56d3tM3t/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 10 set. 2020.

KENSKI, Vani Moreira. Caminhos futuros nas relações entre novas educações e tecnologias. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO, 13., 2006, Recife. **Anais [...]**. Recife: UFPE, 2006. 1 CD-ROM.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

LIBÂNEO, José Carlos. Políticas educacionais no Brasil: desfiguramento da escola e do conhecimento escolar. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 46, n. 159, jan./mar. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/ZDtgY4GVPJ5rNYZQfWyBPPb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 4 out. 2022.

LOWY, Michael. **A guerra dos deuses**: religião e política na América Latina. Petrópolis: Vozes, 2000.

LOWY, Michael (org.). **O marxismo na América Latina**: uma antologia de 1909 até os dias atuais. São Paulo: Expressão Popular: Perseu Abramo, 2016. *E-book*. Disponível em: https://fpabramo.org.br/publicacoes/wp-content/uploads/sites/5/2021/11/O-marxismo_na_AL_Lowy-2021_WEB.pdf. Acesso em: 7 mar. 2021.

LOWY, Michael. **O que é cristianismo da libertação**: religião e política na América Latina. São Paulo: Fundação Perseu Abramo: Expressão Popular, 2016.

MATTAR, João. **Metodologias ativas para a educação presencial, blended e a distância**. São Paulo: Artesanato Educacional, 2017.

MESSIAS, Clayton Roberto; SILVEIRA, Carlos Roberto da. Teorias Críticas Latino-Americanas: leitores e leituras decoloniais de Foucault. **Periódico Horizontes**, Itatiba, SP, v. 37, 2019. Disponível em: <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/784/365>. Acesso em: 10 out. 2020.

RODRIGUES, Reginaldo Ferreira. Escrita e memória no Fedro de Platão. **Griot: Revista de Filosofia**, Amargosa, BA, v. 11, n. 1, 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5766/576664618007/html/>. Acesso em: 6 fev. 2022.

VEIGA-NETO, Alfredo. O poder-saber. In: VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 117-131. *E-book*. Disponível em: <https://idoc.pub/download/foucault-e-a-educacao-alfredo-veiga-neto-pdf-d4pqg07r8wnp>. Acesso em: 23 out. 2023.

ZUIN, Antônio Álvaro Soares. O Plano Nacional de Educação e as tecnologias da informação e comunicação. **Educação & Sociedade**, Campinas, SP, v. 31, n. 112, jul./set. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/GMWKkPjZRBkd6dg3hJYSPVK/?format=pdf>. Acesso em: 15 jun. 2021.

